

Costura invisível: coleção de moda inclusiva inspirada em uma mulher com deficiência visual¹

Invisible Sewing: Inclusive fashion collection inspired by a blind woman

Claudia Schemes²

<https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>

Bruna Brogin³

<https://orcid.org/0000-0002-2240-6226>

Bianca Reis de Moraes⁴

<https://orcid.org/0000-0002-0550-9960>

¹ Tomou-se de empréstimo do estilista Jum Nakao a primeira parte do título, pois representa com precisão a ideia do artigo. Nakao publicou o livro **A Costura do Invisível**, no qual apresenta uma das coleções de moda mais emblemáticas já realizadas no Brasil.

² Doutora em História (PUCRS), mestre em História (USP), graduada em História (Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS). Professora do curso de Moda e PPG Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. E-mail: claudias@feevale.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2019632516405974>

³ Doutora em Design pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Gestão do Design pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Design Experiencial pela Universidade Federal de Santa Catarina, graduada em Design de Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina, pós doutoranda pela Universidade Feevale. E-mail: brunabrogin@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2271288418548189>

⁴ Doutoranda e Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale. Graduada em Letras/Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). bymoraes@yahoo.com.br. <http://lattes.cnpq.br/6676030703414766>

[resumo] Este trabalho consiste em um estudo de caso que aborda a moda inclusiva para pessoas com deficiência visual, a partir da problemática como podemos desenvolver uma coleção de moda inclusiva através de um método de cocriação? Essa questão justifica-se com base em dados que mostram a existência de mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual no Brasil, e a moda, como território estético e cultural de manifestação, também deve considerar a presença de corpos diversos. Nessa perspectiva, os objetivos desta pesquisa são: apresentar dados sobre pessoas com deficiência visual no Brasil; refletir sobre moda inclusiva; apresentar o método de cocriação de moda funcional Co-wear; apresentar uma proposta de vestuário que contemple a autoestima, a praticidade, o conforto e a autonomia de seus usuários sem, entretanto, diferenciá-los dos consumidores em geral, entendendo-os como parte do mercado da moda. Para isso, foram realizados os procedimentos da pesquisa em profundidade e o desenvolvimento de uma coleção de moda a partir do método Co-wear. Ao longo da pesquisa, constatou-se que, mesmo com toda a tecnologia existente no mercado, ainda há muito a ser explorado e estudado no que diz respeito ao design de moda inclusiva.

[Palavras-chave] **Moda inclusiva. Pessoas com deficiência visual. Método Co-wear.**

[Abstract] This work consists of a case study that addresses inclusive fashion for people with visual impairments, having as its addressed issue the development of an inclusive fashion collection through a co-creation method. This question is justified by data that show that there are more than 6.5 million people with visual impairments in Brazil, and fashion as an aesthetic and cultural territory of manifestation must also consider the presence of diverse bodies. The objectives of this research are: to present data on people with visual impairment in Brazil; reflect on inclusive fashion; present the Co-wear functional fashion co-creation method; present a clothing proposal that addresses the self-esteem, practicality, comfort and autonomy of these users without differentiating them from consumers in general, understanding them as part of the fashion market. To achieve this, in-depth research procedures and the development of a fashion collection were carried out using the Co-wear method. Throughout the research we found that even with all the technology on the market, there is still a lot to be explored and studied about inclusive fashion design.

[Keywords] **Inclusive fashion. People with visual impairment. Co-wear method.**

Recebido em: 05-12-2023.

Aprovado em: 22-07-2024.

Cenário atual

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu Artigo 1º, diz que “todos os seres humanos nascem livres, iguais em dignidade e direitos” (AGNU, 1948), ou seja, teoricamente, os direitos humanos deveriam estar assegurados a todos os cidadãos, incluindo aqueles que apresentam algum tipo de deficiência. No Brasil existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 582 mil cegas e 6 milhões com baixa visão, segundo dados do Censo (IBGE, 2010), isto é, 3,46% da população é composta por pessoas com deficiência visual severa e 1,6% é totalmente cega. Cabe ressaltar que os dados apresentados estão sendo considerados a partir do modelo social da deficiência, expresso pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Brasil, 2011) e pela Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015). Nessa perspectiva, a deficiência é entendida como uma narrativa social e cultural, uma vez que os impedimentos, historicamente atribuídos aos “corpos deficientes”, passam a atrelar-se aos espaços, a partir do momento em que não estejam incluídos e acessíveis. A moda, por sua vez, como território estético e cultural de manifestação, também precisa considerar a presença de corpos diversos.

Além desses dados, segundo Makara e Merino (2021), a área do Design de Moda ainda carece de pesquisas e investigações que priorizem as necessidades dos usuários, visto que as questões relacionadas à estética do produto são, na maioria das vezes, mais valorizadas. Varnier, Fettermann e Merino (2021, p. 56) corroboram essas ideias e consideram que há lacunas nas pesquisas científicas em relação à criação de produto de vestuário que considere o usuário de forma integral, ou seja, a partir da ergonomia e da usabilidade, “principalmente na etapa de criação; dificuldade de identificação de demandas e compreensão do público-alvo; geração de planos de trabalho e gestão visual de projetos, que auxiliem as etapas de desenvolvimento do produto”. Além disso, os autores destacam que a etapa de pós-desenvolvimento, que seria a avaliação do produto desenvolvido com ou sem o usuário, também é uma oportunidade para estudos.

Esse cenário justifica as pesquisas que vêm sendo realizadas no âmbito do Design de Moda no Brasil nos últimos anos, buscando soluções que possibilitem a autonomia e a inclusão das pessoas com deficiência visual. Para Peregrino (2017), a moda inclusiva é aquela que se dedica às pessoas com algum tipo de deficiência e o seu principal objetivo é simplificar o ato de se vestir, levando em conta as necessidades físicas e psicológicas de cada indivíduo, sem renunciar ao conforto, ao design e ao estilo. Além disso, ela busca inovar na criação de suas peças, permitindo um design diferenciado e, muitas vezes, exclusivo, de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

O Design inclusivo, que tem por finalidade a concepção de produtos, de ambientes e de serviços usáveis por todos, independentemente de idade, aptidão, dimensão física (perdas de autonomia ou condição de deficiência), tem tido, nos últimos anos, uma grande dimensão no campo da pesquisa. Esse design para todos estuda o maior número de possibilidades de uso, quer de um objeto quer de ambientes e serviços para as mais diversas pessoas.

Nesse ínterim, este estudo propõe a discussão de aspectos inclusivos aplicáveis ao design de moda para pessoas com deficiência visual, buscando fundamentar uma proposta

de vestuário que contemple a autoestima, a praticidade, o conforto e a autonomia desses usuários, sem, entretanto, diferenciá-los dos consumidores em geral, entendendo-os como parte do mercado da moda. Para tanto, ao longo do artigo, serão tecidas perspectivas da moda inclusiva não somente como adequação de vestuário, mas principalmente como experiência estética acessível de moda.

Materiais e Métodos

A presente pesquisa é, segundo Gil (1991), de natureza aplicada, pois um método de desenvolvimento de produto de moda foi aplicado com um participante real, gerando produtos que foram por ele avaliados. A abordagem da pesquisa é, assim, qualitativa, já que as contribuições da participante foram transformadas em requisitos do projeto a ser desenvolvido. No que se refere aos objetivos, o estudo é exploratório - além de descrever as necessidades da participante com deficiência visual com relação ao vestuário, as pesquisadoras propõem soluções de moda com funcionalidade para esse público.

Os procedimentos técnicos, por sua vez, perpassam a pesquisa bibliográfica em material já publicado, bem como a realização de um estudo de caso com a aplicação de um método de desenvolvimento de produto de moda com a coparticipação de uma pessoa com deficiência visual. Ainda nessa etapa, foi realizada uma entrevista em profundidade com a participante, com base em uma técnica qualitativa que explora determinado assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências das pessoas entrevistadas (Duarte; Barros, 2009). De acordo com Duarte e Barros (2009, p. 63), essa técnica de pesquisa

[...] explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que deseja conhecer.

Na etapa de criação, fez-se uso do método projetual Co-Wear (Brogin, 2019), o qual, conforme apresentado na Figura 1, a seguir, é composto de três fases, que, por sua vez, se desdobram, cada uma, em seis etapas. Esse método apresenta algumas ferramentas que ajudam o projetista a guiar o processo de design de moda juntamente com o participante com deficiência, objetivando o desenvolvimento de peças ou de uma coleção de moda inclusiva ou funcional, ou seja, focada na inclusão, na acessibilidade, na autonomia, na saúde e no conforto da pessoa com deficiência alvo do projeto.

FIGURA 1 – FASES, ETAPAS E FERRAMENTAS DO MÉTODO CO-WEAR.



Fonte: Brogin, 2019, p. 344.

[Descrição da imagem: fluxograma contendo as etapas do método projetual de design do vestuário, com as fases: pré-design, design e prototipagem e avaliação e as etapas e ferramentas de cada uma das fases].

O método em questão, como destacado em verde na Figura 1, apresenta três momentos de workshop de cocriação, nos quais o designer de moda interage com os participantes com deficiência para entender suas demandas de projeto (workshop 1), criar com ele as soluções de vestuário (workshop 2) e validar os protótipos desenvolvidos (workshop 3). Quando a deficiência é severa, são chamados para esses momentos de cocriação cuidadores e profissionais da saúde que acompanham os participantes. Quando a deficiência é leve e os participantes conseguem se comunicar bem, eles mesmos expressam seus desejos e necessidades, não sendo imperativa a participação de outros *stakeholders*.

Na sequência, apresentam-se brevemente as ferramentas propostas pelo método Co-wear, pois foi através delas que esta pesquisa foi desenvolvida. Destaca-se, contudo, que, considerando os objetivos deste estudo, em especial o desenvolvimento de uma coleção para uma participante específica, nem todas as ferramentas foram aplicadas.

Na primeira etapa, Pré-design, as ferramentas que compõem o Co-wear são: cronograma, painel de público-alvo, questionário de informações de uso diário, protocolo de análise da tarefa do vestir, módulo de testes de aviamentos, lista de pesquisa de produtos concorrentes e similares. A Figura 2, que segue, explicita essas ferramentas.

FIGURA 2 – FERRAMENTAS DA ETAPA 1 DO CO-WEAR.

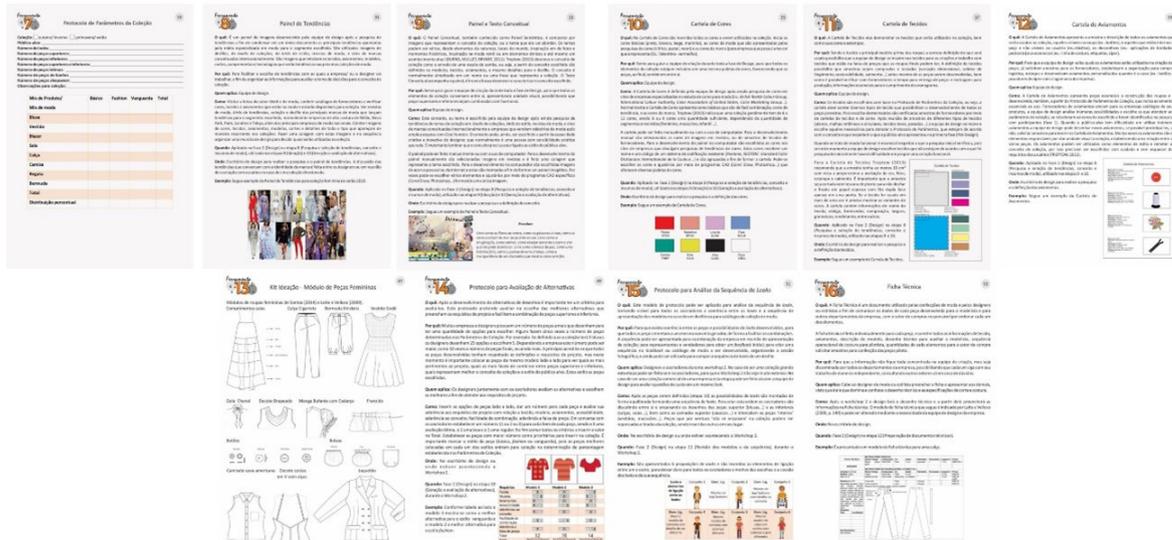


Fonte: Brogin, 2019, p. 351-363.

[Descrição da imagem: Imagem de seis diferentes protocolos que fazem parte das ferramentas para coleta de dados do método Co-Wear]

Na segunda etapa, Design, as ferramentas que acompanham o método são: protocolo de parâmetros de coleção, painel de tendências, painel e texto conceitual, cartela de cores, cartela de tecidos, cartela de aviamentos, kit ideação, protocolo de avaliação das alternativas, protocolo para análise da sequência de looks, ficha técnica, conforme Figura 3, que segue.

FIGURA 3 – FERRAMENTAS DA ETAPA 2 DO CO-WEAR.



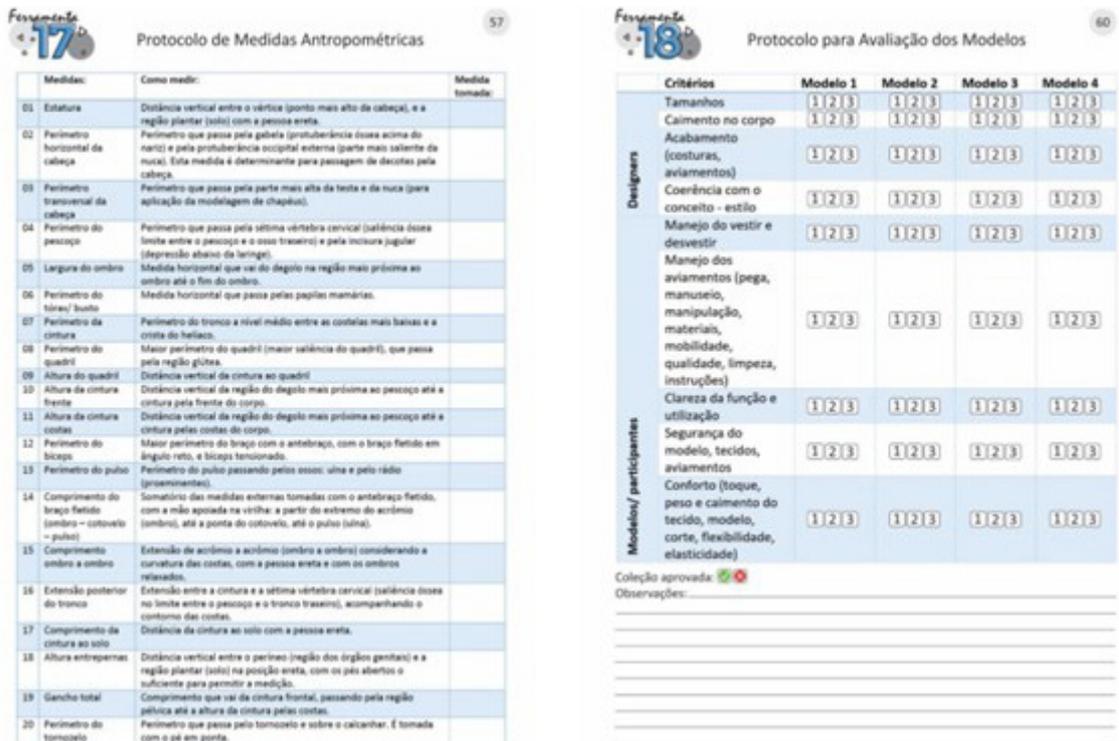
Fonte: Brogin, 2019, p. 368-393.

[Descrição da imagem: Imagem de dez diferentes protocolos que fazem parte das ferramentas para o desenvolvimento de produtos de moda do método Co-Wear. As imagens contêm texto, croquis, tabelas, desenhos e fotos.]

Na terceira etapa, Prototipagem e avaliação, as ferramentas que compõem o método Co-Wear são: protocolo de medidas antropométricas e protocolo de avaliação dos modelos,

como explicita a Figura 4, que segue.

FIGURA 4 – FERRAMENTAS DA ETAPA 3 DO CO-WEAR.



Fonte: Brogin, 2019, p. 398-403.

[Descrição da imagem: Imagem de dois diferentes protocolos que fazem parte das ferramentas para prototipagem e avaliação dos vestuários criados a partir do método Co-Wear]

Apresentados os procedimentos metodológicos, discorre-se, na sequência, acerca da sua efetivação.

Desenvolvimento de coleção de moda inclusiva e o método Co-wear

A metodologia projetual utilizada nesta coleção foi baseada no método Co-wear, que, como já explicitado na seção anterior, é composto por três fases: Pré-design, Design, Prototipagem e avaliação. É importante salientar que, como o trabalho foi realizado no período da pandemia de Covid-19, algumas etapas tiveram que ser adaptadas.

Na 1ª fase, Pré-design, definiu-se um cronograma de trabalho e o público-alvo: uma mulher com cegueira. A escolha metodológica para fins de delimitação incidiu sobre as pessoas com deficiência, encarando-as como:

pessoas como quaisquer outras com protagonismos e [...] que lutam por seus direitos, que valorizam o respeito pela dignidade, pela autonomia individual, pela

plena e efetiva participação e inclusão na sociedade e pela igualdade de oportunidades, evidenciando, portanto, que a deficiência é apenas mais uma característica da condição humana (Brasil, 2011, p. 15).

A concepção da deficiência como narrativa social e identitária está presente na elaboração de cada uma das etapas desta pesquisa. A definição das necessidades e dos desejos foi realizada através de entrevista em profundidade, que foi gravada, transcrita e teve sua utilização autorizada pela entrevistada, Bianca, que é também uma das autoras deste artigo e, portanto, expressa-se como agente e sujeito da pesquisa. Nesse sentido, faz-se referência a Moraes (2014, 2022), que, em seus estudos, desenvolve a perspectiva do “pesquisarCOM”, cuja abordagem entende o “sujeito pesquisador” e o “sujeito pesquisado” como agentes implicados ativamente no ato de pesquisar.

Para Moraes (2022, p. 24), “Fazer pesquisa com os outros e não sobre os outros é uma afirmação ética de estar junto de, em companhia de.” Essa é uma premissa incorporada neste trabalho, uma vez que a presença da pessoa com deficiência visual está sendo engendrada não como categoria analítica, mas como agente protagonista no processo de construção do conhecimento. É interessante desvelar, nesse sentido, os atravessamentos implicados nesses sujeitos, a partir de posições sociais e culturais, que Moraes (2022, p. 26) define como “localizações políticas”:

Nossas localizações políticas não são como uma etiqueta numa roupa. São posições que ocupamos nas relações sociais e que produzem efeitos no mundo. Logo, agem e produzem efeitos nos dispositivos de pesquisa. Há, no pesquisarCOM, um trabalho a ser feito com e a partir de nossas localizações como sujeitos políticos.

Ao criar uma coleção com uma mulher com cegueira, nossa posição diante da pesquisa em moda é costurada e demarcada. Para explicitar ainda mais essas demarcações, por vezes invisíveis, a própria Bianca apresenta os resultados da entrevista:

Nasci com baixa visão, com a Síndrome de Marfan, e perdi a visão do olho esquerdo aos 15 anos e do direito aos 22 aproximadamente. Mesmo assim, gosto de estar na moda, embora as tendências não estejam acessíveis, pois as lojas e blogueiras não descrevem as roupas, portanto, é muito difícil acessar este tipo de informação (Moraes, 2020).

Em concepções calcadas no senso comum, as mulheres com deficiência visual não são encaradas como consumidoras de moda pelo fato de não enxergarem. Por outro lado, o trecho aponta o interesse da entrevistada por tendências, campanhas descritivas e informações de moda acessíveis. Assim, demonstra alguns fatores impeditivos do acesso de mulheres com deficiência visual à moda. A partir disso, cabe questionar: Será que as mulheres com cegueira não se interessam pela moda? Ou será que a moda não tem considerado de forma efetiva o interesse dessas mulheres?

A deficiência visual permite significar o mundo para além dos códigos visuais. Nesse sentido, em *Uma câmera escura atrás de outra câmera escura* (2001), o fotógrafo com cegueira Evgen Bavcar (2001) revela significados invisíveis de sua arte. Para ele, através de

suas câmeras escuras, os significados não estão no que se vê, mas no que se manifesta. Nessa perspectiva, a moda como uma forma de expressão do mundo permite que se possam criar peças trabalhadas com movimento, texturas e modelagens diferenciadas.

As questões sociais de sustentabilidade e diversidade têm atravessado a contemporaneidade e, nesse contexto, a moda inclusiva surge como um segmento a ser explorado. As tecnologias assistivas incorporadas à moda possibilitam a confecção de etiquetas em braile e/ou etiquetas com códigos QR, contendo as descrições e informações básicas sobre a peça. Além disso, aplicativos que descrevem as cores das roupas que pessoas com deficiência visual estão vestindo também surgem como possibilidades de acesso. Essas iniciativas, bem como a confecção da coleção proposta ao longo do presente artigo, estão entrelaçadas à necessária transformação da moda, enquanto manifestação estética e narrativa cultural acessível, na qual pertençam os mais diversos corpos e identidades.

Esses pressupostos teóricos estão ancorados aos aspectos subjetivos do estilo de Bianca, como explicita o excerto a seguir:

Eu considero que tenho um estilo mais básico que prioriza o conforto. Mas, percebo influências de outros estilos, porque gosto de pensar que nós somos feitos dessas diferenças. Eu gosto de peças com detalhes mais delicados, caimentos nos ombros, rendas, leveza, fluidez com um ar meio “riponga”. Mas, eu gosto de misturar algumas tendências que tive acesso e achei que funcionaram para mim como peças acinturadas, calças de cintura alta, peças pantacourt. Gosto de peças únicas como macacões ou vestidos, porque consigo combinar com mais facilidade (Moraes, 2020).

Ao afirmar as diferentes influências que atravessam seu estilo, Bianca remete ao entendimento da deficiência como característica identitária. É interessante perceber essa fluidez, e não linearidade, sendo manifesta em sua relação com as cores. A entrevistada tem cegueira adquirida, portanto possui lembrança do colorido, às vezes, ainda consegue distinguir as cores claras e escuras. Bianca gosta de “tons de azul, verde militar, tons de rosa, marsala, preto, branco. Eu amo os contrastes entre tons mais escuros e tons mais claros. Ou entre tons mais intensos e neutros”. E sobre os acessórios, afirma:

Meus dois acessórios inseparáveis são meus óculos e minha bengala cor de rosa. Gosto de acessórios mais delicados como “pontos de luz” no look, sempre uso brincos pequenos e delicados, gosto de colar tipo “chokers” e gosto de usar dois com texturas diferentes juntos. Eu sou muito apaixonada por uma mochila jeans com estampa étnica, pois acho ela prática e confortável. Quando troco, opto por bolsas menores com alças mais longas, pois consigo cruzar a alça no corpo e me sinto mais segura e consigo ficar com as mãos mais livres. Meus calçados são sempre os mais confortáveis possíveis e com solados que me permitam sentir o chão: tênis, alpargatas, sapatilhas, sapatos presos no tornozelo (Moraes, 2020).

A partir dos dados coletados na entrevista, foram detalhadas as dificuldades e as

possibilidades, sendo realizada a pesquisa de possíveis looks. Os looks iniciais sugeridos foram os seguintes:

1. um macaquinho pantacourt, jaqueta jeans, alpargata, brincos pequenos, colar chokers e mochila;
2. uma blusinha mais soltinha, tipo “ciganinha”, de ombro caído ou uma blusinha com algum detalhe, como renda crua (no mesmo tom da peça), lastex com pequenos detalhes nas mangas, nas costas ou no colo; calça pantacourt acinturada, com alguma amarração na cintura, ou calça jeans rasgada; sapato preso no tornozelo e brincos pequenos.

Esses looks foram sugeridos para Bianca, que os aprovou. Na sequência, seguiu-se para a segunda fase da metodologia Co-wear, a do design, que consiste, inicialmente, no planejamento da coleção, em pesquisa de tendências e insumos.

A pesquisa de tendências (Figuras 5 e 6) foi apresentada, de forma online, com a descrição das peças, dos tecidos e detalhes para a entrevistada.

FIGURA 5 - PESQUISA DE TENDÊNCIAS.



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de imagens do Pinterest.

[Descrição da imagem: são cinco fotografias de mulheres com macacões de várias cores com amarrações e modelagem fluida.]

FIGURA 6 - PESQUISA DE TENDÊNCIAS.



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de imagens do Pinterest.

[Descrição da imagem: são quatro fotografias de mulheres com blusas e vestidos com babados estilo despojado e cores neutras.]

Após a aprovação das peças por Bianca, passou-se para a etapa da ideação, que também foi apresentada de forma online. A Figura 7, que segue, traz os croquis das peças propostas.

FIGURA 7 - CROQUIS DO VESTIDO, BLUSA E PANTACOURT.



Fonte: Acervo das autoras.

Com a aprovação de Bianca, foram realizados os croquis definitivos e os desenhos técnicos (Figuras 8, 9 e 10):

FIGURA 8 - DESENHO TÉCNICO DO VESTIDO FRENTE E VERSO.



Fonte: Acervo das autoras.

FIGURA 9 - DESENHO TÉCNICO DA BLUSA E DA PANTACOURT FRENTE E VERSO.



Fonte: Acervo das autoras.

É importante salientar que, nas conversas com Bianca, ela lembrou de uma jaqueta que era reversível, o que facilitava a usabilidade. Dessa forma, foi incluída na proposta uma jaqueta jeans reversível, conforme desenho técnico a seguir.

FIGURA 10 - DESENHO TÉCNICO DA JAQUETA FRENTE E VERSO.



Fonte: Acervo das autoras.

Na última fase do projeto, a de prototipagem e avaliação, foram tomadas as medidas de Bianca (essa etapa foi realizada por um familiar, dadas as indicações de afastamento em função da Covid-19), confeccionadas as roupas e encaminhadas para serem provadas. Importante informar que as roupas foram confeccionadas por uma acadêmica do curso de Moda e bolsista de Iniciação Científica. A primeira prova das roupas, pelo fato de não ter sido

realizada presencialmente em virtude da pandemia, foi fotografada (Figura 11) e foram realizadas observações de ajustes em algumas peças, que foram encaminhadas para a designer responsável pela confecção.

Figura 11 – Primeira prova das peças.



Fonte: Acervo das autoras.

[Descrição da imagem: quatro fotos de Bianca vestindo as peças: o vestido, a jaqueta, a blusa e a pantacourt.]

As roupas possuem atributos físicos (roupas reversíveis que apresentam conforto na vestibilidade e flexibilidade para o usuário) que favorecem e facilitam a rotina da pessoa com deficiência visual, tanto no processo de escolha como do uso das peças. Os atributos foram utilizados mantendo a preocupação com a estética da peça, uma vez que a entrevistada relatou ter uma preocupação com o aspecto elegante e estético das roupas que veste.

As peças foram confeccionadas com elásticos, tecidos leves e confortáveis para melhor adaptação de Bianca. Ainda foram consideradas cores de que ela mais gosta: o vestido em um tom marsala; a jaqueta azul reversível; a blusinha verde militar e a calça pantacourt preta. A tendência pantacourt foi escolhida, pois o modelo com a barra mais larga no meio da canela possibilita conforto e estilo. Além disso, o comprimento da peça auxilia na mobilidade com a bengala. Destaca-se, também, a confecção de uma peça reversível, que tem a possibilidade de ser usada dos dois lados, conforme supramencionado.

Após os acertos, as roupas foram encaminhadas para Bianca, que realizou a prova final e a aprovação das peças. Depois de aprovadas, as peças foram confeccionadas e foi realizado um editorial de moda no Museu Nacional do Calçado com o fotógrafo de moda Alex Ramirez. Esse local foi escolhido por ser um espaço artístico e cultural, situado no Câmpus I da Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo. Além disso, na ocasião, estava acontecendo, no Museu, uma exposição comemorativa aos 100 anos da estilista brasileira Zuzu Angel. A exposição foi pensada com recursos de acessibilidade, como roupas confeccionadas com diferentes texturas e aviamentos e que podiam ser manuseadas, textos em Braille e em fonte ampliada, maquete tátil do espaço expositivo e códigos QR, por meio dos quais era possível acessar, atra-

vés de telefone celular, as descrições de cada peça da exposição⁵. Ao explicitar a escolha, aqui, demarcam-se novamente as “localizações” políticas dos sujeitos expressas por Moraes (2022).

O resultado dessa criação pode ser observado nos painéis a seguir (Figuras 12, 13, 14 e 15), que mostram, de forma sintética, o processo e o desenvolvimento da coleção: as imagens de referência, croquis, desenhos técnicos e o editorial de moda.

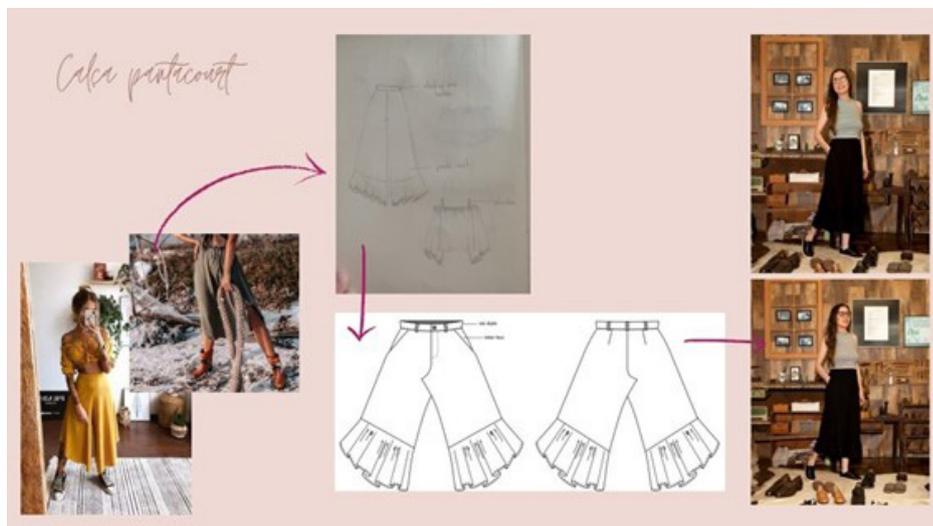
FIGURA 12 - RESULTADOS DO VESTIDO.



Fonte: Acervo das autoras. Fotógrafo Alex Ramirez.

[Descrição da imagem: montagem com a imagem de referência, croqui, desenho técnico e duas fotos do editorial. Bianca aparece com o vestido marsala: na primeira foto, anda com sua bengala cor de rosa em uma das salas do museu. Na segunda foto, está pousando com as mãos na cintura.]

FIGURA 13 - RESULTADOS DA PANTACOURT.



Fonte: Acervo das autoras. Fotógrafo Alex Ramirez.

[Descrição da imagem: montagem com a imagem de referência, croqui, desenho

⁵ Sobre museus e acessibilidade para pessoas com deficiência visual, indica-se a leitura do artigo ROBINSON, Danieli et al. Acessibilidade continuada para pessoas com deficiência visual: desafio aos espaços culturais e artísticos da cidade de Novo Hamburgo/RS. In: SCHEMES, Claudia; CONTE, Daniel (Orgs.). **PET: Interdisciplinaridade e produção de sentidos**. Novo Hamburgo: Editora Feevale/FNDE, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/0000896/Downloads/DOC-20221206-WA0006.pdf>. Acesso em 07/10/2023.

técnico e duas fotos do editorial, nas quais Bianca veste pantacourt preta, está com uma das mãos no bolso e parada em frente à bancada do sapateiro]

FIGURA 14 - RESULTADOS DA JAQUETA.



Fonte: Acervo das autoras. Fotógrafo Alex Ramirez.

[Descrição da imagem: montagem com a imagem de referência, croqui, desenho técnico e duas fotos do editorial. Bianca usa a jaqueta reversível: na primeira foto, está sentada com a mão apoiada sobre as pernas e vista de lado. Na segunda foto, Bianca posa de pé com uma mão no bolso e outra no cabelo em frente ao cartaz da exposição sobre Zuzu Angel.]

FIGURA 15 - RESULTADOS DA BLUSA.



Fonte: Acervo das autoras. Fotógrafo Alex Ramirez.

[Descrição da imagem: montagem com a imagem de referência, croqui, desenho técnico e duas fotos do editorial. Bianca usa a blusa verde militar ombro a ombro: Na primeira foto,

aparece de pé com as mãos nos bolsos em frente ao cartaz da exposição. Na segunda foto, está com a mão na cintura e com a outra mão como se tateasse alguma peça da exposição.]

O Método de Cocriação de Moda Funcional Co-Wear, bem como a perspectiva do “pesquisarCOM” permitiram às autoras estarem muito próximas de uma participante real com deficiência visual, que trouxe, a todo momento, informações cruciais para o desenvolvimento do projeto, requisitos, experimentações e validações que enriqueceram o processo e o conduziram de maneira a atingir realmente seus objetivos.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, a moda e a deficiência visual costuraram-se como narrativas estéticas e culturais. Em uma perspectiva inclusiva, destaca-se, a moda permite considerar a presença das diferenças em uma coleção tecida a partir da escuta de uma mulher com cegueira. A criação foi sendo costurada pelos fios do conforto, do estilo e da identidade. O conforto, trazido pela entrevistada como importante nas suas composições, está expresso nas escolhas dos tecidos e na fluidez das peças, fazendo referência, também, à fluidez das identidades e das diferenças. A cor marsala do vestido e a verde militar da blusa acabaram por colorir os looks com tons de estilo e expressividade. É interessante pontuar que, no imaginário de Bianca, o marsala está expresso como um rosa mais intenso ou, ainda, um tom de vermelho rosado, enquanto o verde militar aparece como um tom mais fechado e escuro.

Essa elaboração estética das cores foi construída a partir de descrições, reafirmando a importância do acesso de pessoas com deficiência visual à moda, através de ações inclusivas. Além disso, as cores compõem a recriação das peças imaginadas por Bianca, que estão sendo costuradas com tons de autoestima, subjetividade e identificação. Essas cores, representadas apenas em seu imaginário, através da materialidade da coleção, passaram a estar manifestas em seu corpo e, assim, expressando sua identidade. O casaco azul reversível e a calça pantacourt preta de cintura alta exprimem soluções da ergonomia inclusivas e tendências de moda acessíveis. O aspecto reversível permite maior autonomia, independência e versatilidade. Na entrevista em profundidade, a bengala tátil cor de rosa surgiu como item essencial na composição dos looks, por isso a escolha da modelagem pantacourt com as barras alargadas no meio da canela, possibilitando a mobilidade atrelada às tendências.

Nesse sentido, a proposição de vestuário inclusivo representa um avanço nas áreas da Moda e do Design, na medida em que possibilita que os conceitos de ergonomia, conforto e usabilidade sejam aplicados e possam servir de estímulo para o desenvolvimento de soluções de moda construídas com pessoas com deficiência.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que, mesmo com toda a tecnologia atualmente existente no mercado, ainda há muito a ser explorado e estudado no que diz respeito ao design de moda inclusivo. Faz-se necessária a ampliação desse mercado, expandindo o desenvolvimento de produtos com o foco no público com deficiência visual, vislumbrando-o como consumidor e parte do mercado de moda. A disposição de produtos acessíveis, respeitando

e garantindo a satisfação de consumidores diversos, é imprescindível para assegurar a independência, a privacidade e as possibilidades de escolha, como prevê a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A moda concebida como linguagem acessível retrança significados estéticos e culturais, vislumbram-se, assim, as mulheres com deficiência visual como consumidoras de tendências de moda tecidas pelas mais diversas identidades. Essas são costuras invisíveis que atravessaram a coleção, bem como os corpos e os olhares da sociedade.

Referências

AGNU - ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 10 out. 2023.

BAVCAR, Evgen. Uma câmera escura atrás de outra câmera escura. In: SOUSA, Edson Luiz André de; ELIDA, TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão. (Orgs.) **A Invenção da vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**: decreto legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008; decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. -- 4. ed., rev. e atual. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2011. Disponível em: <https://cdhpf.org.br/wp-content/uploads/2016/12/convencaopessoascomdeficiencia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

BRASIL. Decreto Nº 6.949 de 25 de agosto de 2009. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Lei Nº 13146, de 06 de junho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 jul. 2023.

BROGIN, Bruna. **Método de Design para Cocriação de Moda Funcional para Pessoas com Deficiência**. 2019. 411 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

DUARTE, J; BARROS, A. (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pessoas com deficiência**. 2010. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/>

populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html . Acesso em: 20 dez. 2022.

MAKARA, Elen; MERINO, Giselle S. A. D. Coleta de dados sobre o usuário do produto de vestuário: identificação de técnicas e ferramentas. **Estudos em Design** (online). Rio de Janeiro: v. 29. n. 2. 2021, p. 94 – 113.

MORAES, Bianca: depoimento [set 2020]. Entrevistadores: R. Moreira e C. Schemes. Novo Hamburgo, 2020, on-line. Entrevista concedida ao Projeto Moda e inclusão: design e indumentária para pessoas com deficiência visual.

MORAES, Márcia. Do “pesquisarCOM” ou tecer e destecer fronteiras. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchezi; MORAES, Márcia. **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1630/1/Cartas%20para%20pensar%20politicass%20de%20pesquisa%20em%20psicologia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

_____. PesquisarCOM: permanências e reparações. In: SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (orgs) **PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Nau Editora, 2022.

PEREGRINO, Fernanda. **Moda inclusiva: facilitando a vida de pessoas com deficiência**. Disponível em: <https://respostas.sebrae.com.br/moda-inclusiva-facilitando-a-vida-de-pessoas-com-deficiencia/> Acesso em: 18 set. 2017.

ROBINSON, Danieli; MORAES, Bianca Reis de; BARTH, Maurício; RUEDA, Laura Ribero. Acessibilidade continuada para pessoas com deficiência visual: desafio aos espaços culturais e artísticos da cidade de Novo Hamburgo/RS. In: SCHEMES, Claudia; CONTE, Daniel (orgs.). **PET: Interdisciplinaridade e produção de sentidos**. Novo Hamburgo: Editora Feevale/FNDE, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/0000896/Downloads/DOC-20221206-WA0006..pdf>. Acesso: em 07 out. 2023.

VARNIER, Thiago; FETTERMANN Diego de Castro; MERINO, Giselle Schmidt Alves Dias. Processo de desenvolvimento de produtos no vestuário: uma revisão sistemática de modelos de auxílio à prática projetual de produtos de moda. **Gestão & Tecnologia de Projetos**. São Carlos, v16, n2, 2021. p.41-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/171529>. Acesso em: 03 mar. 2023.

Revisora do texto: Sofia Schemes Prodanov. Graduada em Letras, Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Universidade Feevale. 2023 E-mail: prodanovsofia@gmail.com